

EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA E PLANETÁRIA

IN SERCH ABOUT A BIOCENTRICA AND PLANETARY EDUCATION

LUCIANI MISSIO*
NADIA BEATRIZ CASANI BELINAZO**

RESUMO

Precisamos compreender que a globalização é apenas a etapa tecno-econômica de um fenômeno que começou muito antes e que não deve ser confundida com a constituição de uma cidadania terrestre. Essa cidadania é a resposta mundial à globalização, em que a pátria terrestre não deve negar ou recalcar as pátrias que a compõem, mas ao contrário, deve integrá-las. Sabemos que, para obtermos um futuro sustentável, é indispensável reconhecermos a inter-relação entre os seres co-habitantes, promover a correta administração e responsabilizar a todos na promoção do bem comum. Por isso, é urgente assegurar a cada um os direitos humanos e as liberdades fundamentais, a fim de que todos, sem exclusão, possam desenvolver plenamente seus potenciais artísticos, intelectuais, éticos e místicos, próprios da condição humana. Neste trabalho, buscamos propiciar uma reflexão acerca das possibilidades da inserção da Educação Biocêntrica e Planetária no contexto educacional e, dessa forma, assumir uma perspectiva libertadora e positiva diante das situações que a sociedade contemporânea nos impõe.

Palavras-Chave: Educação Biocêntrica; Educação Planetária; Cidadania; Inclusão; Sociedade.

ABSTRACT

We need to understand that the globalization is just a techno-economical stage of a phenomenon that have began before and that should not be confused with the constitution of a terrestrial citizenship. This citizenship is the world answer to the globalization, where the terrestrial homeland should not deny or to press down the homelands that compose her, but to the opposite, to integrate them. We know that to obtain a maintainable future it is indispensable to recognize the interrelation among the co-inhabitants, promoting the correct administration and making responsible all the people in the promotion of the well common. Therefore, it is urgent to assure each one the human rights and the fundamental freedoms so that all (without exclusion), they can develop fully your artistic potentials, intellectuals, ethical and mystics, they are common to the human condition. This work look up to propitiate a reflection concerning the possibilities of Education Biocentrica's insert and Planetary in the educational context and like this to assume a perspective that turn free and positive due to the situations that the contemporary society imposes us.

Keyword: Education "Biocêntrica"; Planetary Education; Citizenship; Inclusion; Society.

* Licenciada em Matemática (UFSM) e Mestre em Educação - PPGE/CE/UFSM.

** Licenciada em Pedagogia Pré-Escola - CE/UFSM.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea consiste, basicamente, em adaptar os sujeitos a um modelo concebido e determinado pela cultura econômica/social. Essa forma de encaixilhar e ajustar cada um a um lugar específico na sociedade, orientando o padrão de conduta e os procedimentos das pessoas no seu meio social, faz com que a educação coopere para a manutenção das desigualdades e contribua para a crescente massificação e aumento das injustiças.

A escola, por ser um reflexo dessa sociedade, adquire uma função reprodutora do egoísmo, do individualismo e da competição. Esses últimos têm sido os valores que norteiam as práticas sociais atuais, tornando a escola um dos lugares de exclusão. Nesse contexto, as escolas não conseguem criar vínculos sociais, visto que privilegiam a formação funcional das pessoas, isto é, preparam-nas para o “mercado” de trabalho. Ao promoverem apenas o ensino e a transmissão de informações, de forma que a reprodução de conhecimentos esteja presente, fazem com que os indivíduos se tornem meros executores de tarefas. Esse processo desumaniza e aliena. Em contrapartida, a educação que problematiza as informações, promovendo relações sociais solidárias, torna possível a criação e a transformação do mundo do trabalho, como elemento dignificante do fazer humano, alicerçado na cidadania, na ética e na inclusão.

Quando a estrutura educacional determina o que é importante saber e quais conhecimentos têm valor para esta ou aquela sociedade, *a priori*, sem considerar, e mesmo desrespeitando, a individualidade e a identidade pessoal, atua como um rolo compressor. Assim, a educação

institucionalizada estabelece as normas de comportamento e os programas de conteúdos sem vínculo com a vida real. Dessa forma, o processo educacional ocorre a partir de decisões externas e distantes das necessidades primordiais para a vida humana.

Mais do que a representação de um modelo cultural, os espaços educativos são compostos por diversos grupos, com valores, expectativas e culturas diferentes entre si e que precisam aprender a conviver nessa diversidade. Essa circunstância precisa ser levada em conta pelo educador no momento de iniciar e de estabelecer a relação pedagógica. Além disso, nesse espaço também deve ser propiciado o diálogo entre culturas e as diversidades delas advindas. Por ser, em tese, o lugar comum das culturas, deve-se garantir o direito à diversidade cultural. Estabelecer uma *práxis* pedagógica, em um ambiente multicultural, como são os espaços educativos, envolve mudança de postura. Perceber a realidade humana em sua complexidade, envolve adotar um olhar humano-humanizador. O fazer pedagógico se reveste de complexidade e ambigüidade, pois, ao mesmo tempo em que pode contemplar as diversas culturas, pode ser também a negação delas.

A Educação Planetária e Biocêntrica não é mais uma teoria, nem uma disciplina didática, tampouco um modelo, é sim uma corrente de pensamento, uma abertura maior do currículo que influencia e harmoniza métodos, enfoques, conteúdos de ensino e aprendizagens, de modo a desenvolver nos educandos uma tomada de consciência da interdependência de tudo e de todos, enfim, um senso crítico dos desafios da mundialização, a fim de que possam organizar conhecimentos, habilidades, valores e atitudes para o tratamento dessas questões. Dá-lhes ainda

a oportunidade de pensar e agir como cidadãos responsáveis, preocupados em construir um mundo melhor para si e para todo o planeta.

A EDUCAÇÃO PLANETÁRIA

Falamos da era global como possibilidade de aumentar o espaço de ação e produção de bem-estar. Porém, percebemos que essa não é uma realidade para todos, visto se tratar apenas da liberação econômica para aplicação em todo o mundo. Precisamos compreender que a globalização é apenas a etapa tecno-econômica de um fenômeno que começou muito antes e que não deve ser confundida com a constituição de uma cidadania terrestre. Essa cidadania é a resposta à mundialização, em que a pátria terrestre não deve negar ou recalcar as pátrias que a compõem, mas, ao contrário, deve integrá-las. Devemos aprender a ver o mundo de forma total, como escreve Morin:

Há uma imbricação dos fatores demográficos, econômicos, morais, mas se não podemos compreender o mundo, tentemos, pelo menos, não ter dele uma visão mutilada, abstrata, para não compreendê-lo como constituído unicamente por um instrumental técnico ou econômico, pois o problema reside em nos confrontarmos com nosso destino planetário. (2002, p.100)

A educação atual não tem cumprido com a tarefa de apresentar aos indivíduos meios substanciais de desenvolvimento autônomo, assim como não prima pelo acréscimo dos potenciais criativos e de busca da liberdade, falhando no fomento das relações humanas, auxiliando a sociedade na manutenção e crescente individualização. E, ainda, a prática pedagógica está pautada nos valores religiosos e militares, assumindo um caráter autoritário, privilegiando a hierarquia e a competição.

Deve-se pensar a educação planetária como forma de favorecer nas pessoas a compreensão das múltiplas dimensões do mundo atual e do futuro, fundamentando-se nos princípios do universalismo, da pluralidade, da diversidade, adotando um enfoque sistêmico das realidades complexas, das relações e das interações nas perspectivas histórica e planetária. Essa educação caracteriza-se por visar à melhor compreensão dos diferentes sistemas interligados, físicos, biológicos, sociais, econômicos, políticos e informáticos, dando atenção especial a diferentes culturas e civilizações.

A consequência dessa abordagem planetária da educação é a adaptação dos currículos escolares, demasiadamente presos às políticas e às ideologias do Estado-Nação, bem como às novas realidades contemporâneas. Isso é claramente percebido nas escolas de Ensino Médio que deixam de lado a contextualização, a compreensão dos diferentes sistemas para enfatizar o ensino dos conteúdos para a realização das provas de ingresso ao Ensino Superior, que não permite uma interpretação do mundo e não repousa em convicções e valores humanos. Como corrente de pensamento e ação, a educação na perspectiva planetária e biocêntrica repousa em convicções e valores humanos, permitindo uma interpretação do mundo que nos envolve com seus problemas e desafios.

A *práxis* pedagógica está repleta de exemplos da dominação e do autoritarismo, espelho e reflexo da sociedade exploradora, numa relação de ação e reação. A escola utiliza a competitividade como configuração do autoritarismo pela recompensa ou pela punição, justificando e reforçando a competição. Essa é uma das formas de desunir e alienar os mais fracos para atenuar a resistência e inibir a vontade de libertar-se (RODRIGUES,

1999). Pela concorrência, são desprestigiados valores como a solidariedade, a cooperação, a honestidade e o compromisso com a tentativa de equidade social. O conformismo é o argumento utilizado em prol dos interesses dos dominantes, que impede as pessoas de refletir sobre a sua condição, coibir qualquer tentativa de rebelião e atuar no sentido de moldar nos indivíduos atitudes e comportamentos autoritários e competitivos.

O segmento que decide como a sociedade deve estar organizada utiliza algumas categorias ideológicas para sustentar a dominação. Como condição de permanência dessa relação desarmônica, temos o autoritarismo, a competição, o triunfalismo, o conformismo, em todas as instituições sociais. No campo educacional, não é diferente. O fazer educativo compõe-se de processos autoritários e discriminatórios. De um lado, estão os que foram preparados intelectualmente para conduzir, planejar e decidir os rumos da humanidade e, de outro, no caso a maioria, estão os fadados a obedecer, servir e pôr em prática o que foi projetado pela minoria responsável pelo comando social.

Para garantir que o autoritarismo persistisse por tanto tempo na história humana, são utilizados artifícios como o dogmatismo e a uniformização. O dogmatismo, por não ter vínculo com a verdade, é composto de concepções impostas e facilmente aceitas como formas naturais e inquestionáveis de comportamento no mundo. Dos artifícios utilizados nas práticas autoritárias, a uniformização é a mais facilmente detectável na educação. A padronização do modo de pensar, sentir e agir sufoca a originalidade humana, retirando a possibilidade da autenticidade e individualidade, características da racionalidade.

A escola deve praticar a formação e preservar a memória da cultura de seu povo, como forma de manter viva, apesar da comunicação entre todas

as partes do mundo, as origens que formaram o educando. A busca pela não homogeneização, isto é, a não destruição e o nivelamento das culturas devem ser bandeiras da educação do futuro. Para que isso aconteça, é necessário adaptar-se sem negar a si mesmo, construir a sua autonomia em dialética com a liberdade e a evolução do outro, dominando o progresso científico.

A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Nas últimas décadas, em diferentes momentos, educadores e educadoras estiveram envolvidos com temas importantes, tanto no plano da construção teórica, quanto nos eixos temáticos das análises e pesquisas sobre educação. Acreditamos que a melhor maneira de falar sobre mudanças na educação é a partir do diálogo com os sujeitos envolvidos no processo, sobretudo com aqueles que fizeram uma opção pelo educar. Nessa perspectiva, observa-se que a educação se constitui numa eterna relação entre pessoas, entre gerações. Portanto, compreendemos que o educador deve ser aquele que ama a condição humana, por conseqüência, deve cuidar dos seus semelhantes, das gerações futuras e, assim, de toda a humanidade.

Ao assumirmos o compromisso na construção de um modelo de mundo mais pacífico e harmônico, baseado no reconhecimento dos direitos humanos das futuras gerações, estaremos contribuindo com o futuro sustentável da Terra e dos que nela habitam. Contudo, para alcançarmos a consciência de educação Biocêntrica e Planetária, é indispensável buscarmos os fundamentos em uma ética biocêntrica de respeito, bem como nos aspectos relacionados ao direito e à importância das diferenças na cultura humana, preservando a vida.

Desse modo, os sistemas de ensino/aprendizagem devem instigar o aluno a ser, viver, dividir e comunicar como humano do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também como ser terreno. Para isso é necessário um envolvimento maior da escola frente aos problemas enfrentados individualmente pelo aluno, na busca por essa transformação. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo,

intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p. 98)

É inerente ao educador o constante refletir sobre os valores da vida. Para tornar prática essa reflexão, é preciso compreender as questões e os paradigmas referentes à sustentabilidade mundial da Terra e de cada ser que a compõe. É necessário também perceber possíveis estratégias de superação da prática pedagógica que não contribui para a formação de cidadãos conscientes, críticos e responsáveis pela construção de um novo e melhor modo de ser humano.

A paz, a liberdade, a inserção social e a busca constante do equilíbrio são formas de reverter a atual situação de exploração e dominação de poucos sobre quase todos e sobre quase todo o mundo. O equilíbrio entre a retirada dos meios de subsistência necessários aos homens e ao meio ambiente e a formação de uma aliança para cuidar e preservar o planeta são de extrema relevância em uma educação que pretenda estar a serviço da preservação da espécie humana na Terra.

Sabemos que, para obtermos um futuro sustentável, é indispensável reconhecer a inter-relação entre os seres co-habitantes, promovendo a correta administração e responsabilizando todos na promoção do bem comum. Por isso, é urgente assegurar a cada um os direitos humanos e as liberdades fundamentais a fim de que todos (sem exclusão) possam desenvolver plenamente seus potenciais artísticos, intelectuais, éticos e místicos, próprios da condição humana.

Para que ocorra a preservação da humanidade e do meio em que habitamos, algumas tentativas de diálogo foram apresentadas, ao longo dos tempos, como forma de construção de novas ações humanas, configurando soluções para a preservação ambiental e humana. Dentre elas, a *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano*, realizada em Estocolmo, em 1972; o *Protocolo de Kyoto* (1987), que estabeleceu as primeiras metas de redução de gases poluentes no planeta; e a *Conferência Rio-92* que incluiu duas convenções, uma sobre a Mudança do Clima e outra sobre a Biodiversidade. Essa conferência aprovou, igualmente, documentos de objetivos mais abrangentes e de natureza mais política: a Declaração do Rio e a Agenda 21. Ambos defendem o conceito fundamental de desenvolvimento sustentável que combina as aspirações compartilhadas por todos os países ao progresso econômico e material com a necessidade de uma consciência ecológica e apresenta ainda roteiros e estratégias de ações.

A *Carta da Terra* propõe a formação de uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros ou então arriscar a destruição e a devastação da diversidade da vida neste planeta. Dois princípios visam à viabilidade dessa aliança: a sustentabilidade e o cuidado. A sustentabilidade é alcançada quando usamos com respeito e

racionalidade os recursos naturais, pensando também nas futuras gerações. E o cuidado é um comportamento benevolente, respeitoso e não agressivo para com a natureza, que permite regenerar o que já foi devastado e zelar por aquilo que ainda resta da natureza da qual somos parte e com que temos um destino comum.

Na Carta da Terra, encontramos princípios que justificam a preocupação com a desintegração mundial e nela apontam ações a serem desenvolvidas em conjunto, proporcionando a viabilidade de um outro mundo possível. Desses princípios cabe ressaltar o da educação para a paz. Segundo Pacheco (2006), compreender a violência e buscar uma cultura da paz faz-se de suma importância, devido a todo um contexto de insegurança e fragilidade dos vínculos humanos, num mundo moderno cada vez menos comprometido com o outro. Evidenciam-se os riscos e as ansiedades do viver junto diante do conflito entre o apertar e o deixar frouxos os laços humanos, que se apresentam cada vez mais descartáveis.

Partindo do pressuposto de que a paz se aprende, ela não é um estado de prontidão. Além disso, deve ser intencional a busca da resolução pacífica dos conflitos, priorizando ações baseadas na reflexão e na razão. A paz é a busca constante da harmonia, bem como é um permanente exercício de autocrítica e de humildade, ligados ao ato de aprender e educar.

Revela-se de total importância uma educação voltada para a cidadania e para a cultura da paz, porque, através delas, é possível enfrentarmos a atual situação de violência na escola, na família e nas ruas, isto é, por meio do desenvolvimento de novos comportamentos e ações contra as intolerâncias da vida cotidiana, ódios interétnicos, preconceitos e agressões às pessoas e ao ambiente, construímos a cultura da paz.

O objetivo da educação para a paz é criar uma consciência de paz e solidariedade, uma disposição para que as pessoas relacionem-se e interajam harmoniosamente consigo mesmas, com seus semelhantes e com a natureza.

Outro princípio igualmente importante diz respeito aos direitos humanos. Nesse quesito, o desafio é garantir a extensão de direitos às mulheres, às crianças, aos doentes, aos espoliados, aos despatriados e a todos que possam estar em situação de miserabilidade e total desconforto, sofrendo humilhações ou tendo a sua condição humana diminuída. A Educação Ecológica, Ambiental, Biocêntrica e Planetária está voltada para a exigência de mudança dos paradigmas da existência humana, indicando uma nova maneira de estar no mundo.

Unindo os documentos propositivos de melhoria de vida em que se prioriza a ética do cuidado, a consciência e a responsabilidade, é possível indicar culpabilidades maiores àqueles que excessivamente consomem os benefícios destinados a todos. A produção e consumo exacerbados estão causando devastação ambiental, além do extermínio de algumas espécies. Porém, a humanidade ainda demonstra pouca preocupação com a redução dos recursos não renováveis e, por isso, não tem se associado aos organismos de proteção ao meio-ambiente.

A Educação para o Desenvolvimento Sustentável prima por atender às necessidades da geração presente, sem comprometer a capacidade de atender às gerações futuras. É preciso mudar o modo de produção de 'ilimitada' para 'suficiente' e, assim, tornar a Terra sustentável e não a economia sustentável. Nós temos que querer viver ou seremos vítimas da ordem atual que se apresenta.

Humberto Maturana (1997) fala que devemos abandonar o discurso patriarcal da luta e da

guerra e nos entregarmos ao viver matrístico do conhecimento da natureza, do respeito e da colaboração na criação de um mundo que admita o erro e possa corrigi-lo. Uma educação que nos leve a atuar na conservação da natureza, a entendê-la para viver nela e com ela, sem pretender dominá-la. Uma educação que nos permita viver na responsabilidade individual e social, que afaste o abuso e traga consigo a colaboração e a criação de um projeto mundial de preservação.

Às vezes, falamos como se não houvesse alternativa para um mundo de luta e competição, como se devêssemos preparar nossas crianças e jovens para essa realidade. Tal atitude se baseia num erro e gera um engano. A agressão não é a emoção fundamental que define o humano, mas o amor, a coexistência na aceitação do outro como legítimo outro na convivência. A luta não é o modo fundamental de relação humana, mas a colaboração.

É necessária uma postura reflexiva no mundo em que vivemos; são necessários a aceitação e o respeito por si mesmo e pelos outros sem a premência da competição. Aprendemos a conhecer e a respeitar o mundo no espaço em que agimos, seja no campo, na montanha, na cidade, no bosque ou no mar, e a não negá-lo ou destruí-lo, e aprendemos a refletir na aceitação e respeito por si mesmo; então podemos aprender qualquer “que fazer” (FREIRE, 1996).

A educação do cotidiano exige a presença da emoção, da sensibilidade, da corporeidade, da afetividade e da garantia da construção de um ser humano dotado de autonomia moral e intelectual. A escola que mantém estruturas tradicionais, através de seus métodos autoritários, apesar das tentativas de mudança, estará cumprindo o papel

de conservação das estruturas sociais desiguais, por não contribuir, de forma significativa, para o desenvolvimento global de seus alunos ao se restringir à transmissão de conteúdos e a demonstrar insegurança na sua contribuição moral e política. Portanto, percebemos que é de fundamental importância lutar pela construção de uma civilização mais humanitária que dê conta de problemas como o da exclusão social, do autoritarismo, bem como de toda forma de violência e cerceamento de direitos humanos.

Pensar dessa forma faz com que coloquemos a vida como o centro. Isso é o que nos propõe a Educação Biocêntrica: devemos cultivar as funções que regulam o sistema vivo humano e que permitem a sua evolução. Temos, assim, os pressupostos biocêntricos, formulados pelo antropólogo chileno Rolando Toro¹, tendo por princípio imediato a vida em todas as suas extensões, inspiradas na conexão com o universo. Suas presunções vinculam-se ao ato de viver em comunhão com uma existência plena, desconstruindo toda silhueta cultural cujos interesses estejam voltados para os processos de morte e degradação humana, extermínios ambientais e para uma suposta superioridade hierárquica da vida. Nas escolas, as crianças deveriam estar em contato direto com a natureza: a terra, a água, o fogo e o ar puro; com as plantas, as flores e os frutos; com os trabalhos agrícolas; com os animais; com o canto e a dança; com a preparação dos alimentos; enfim, com a observação e proteção da natureza.

A imagem do homem proposta pela Educação Biocêntrica é a do “homem relacional, homem ecológico e homem cósmico”². A matéria dessa educação é a vida, sendo indispensável em nossa

¹ TORO, Rolando - **Teoria da Biodança** - Coletânea de textos. Fortaleza: ALAB, 1991.

² Disponível em: <http://www.biodanzanunopinto.com/biodanza/educacaobiocentrica/index.html>. Acesso em 2006.

cultura recuperar o sentimento de “sacralidade da vida” e o “prazer de viver”. O principal objetivo da Educação Biocêntrica é a conexão com a vida e a sua metodologia é a vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a atualidade esteja marcada por uma subjetividade produzida que delimita e possibilita modos de ser, pensar, sentir e perceber. Essa possibilidade diferente de ser está se constituindo pela incerteza, em que projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável de realização. Esses sentimentos de incredulidade e incertezas, que se referem à futura configuração do mundo, devem (re)significar as relações humanas.

A multiplicidade das ações pedagógicas desenvolvidas no cotidiano não possibilita o seu aprisionamento a um único modelo educacional associado à época na qual elas se desenvolvem, porém não se desvincula da história política, social e econômica em que se inserem.

Portanto, torna-se imprescindível compreender a prática educativa autoritária e coerciva para repensar a educação como espaço de solidificação dos processos de aprendizagem e suplantar a falsa idéia, propagada por todos os cantos, de que o mundo é igual e oferece iguais oportunidades para todos, criando um único e “verdadeiro” modo de ser humano em todo o planeta. Acreditamos que a Educação Biocêntrica e Planetária é uma alternativa para que homens e mulheres preparem sua libertação, assumindo a autonomia das escolhas de ser e estar, atuando no mundo em constante transformação.

Pretendemos, no entanto, construir uma cidadania sólida como motor de ações de preservação socioambientais positivas em todos os segmentos da sociedade. Sabemos que não mudaremos a sociedade inteira, reconhecemos a limitação da educação. Entretanto, é na potencialidade da educação, que queremos ancorar nossos pensamentos, abrir as janelas para um horizonte mais próximo, buscando uma utopia que queremos efetivar. Existe um criador dentro de cada um de nós que se revela na forma de calor, na sinergia do encontro do homem com o homem e com a natureza.

A responsabilidade perante a educação surge quando nos damos conta das conseqüências de nossas ações. A liberdade surge quando temos consciência de nossas ações e de suas respectivas conseqüências. Ou seja, responsabilidade e liberdade surgem da reflexão de nosso pensar/fazer no âmbito das emoções, como também assumir as conseqüências de nossos desejos e ações, num processo no qual precisamos reconhecer que o mundo em que vivemos depende de nossas aspirações.

Podemos construir uma sociedade mais justa e honesta no campo educacional, valorizando a pessoa humana. Para construir um modelo de sociedade e de homem integrados, construído por um diálogo que lute por uma racionalidade comunicativa, precisamos pensar uma educação integrada com a vida que propicie a participação ativa dos sujeitos comprometidos não só em entender o mundo, mas também em transformá-lo. Uma educação que não se limite à aprendizagem de habilidades e competências instrumentais e técnicas ligadas ao saber fazer. É importante

também contemplar outros saberes, complexos e ligados ao mundo subjetivo, uma educação emancipatória em todas as dimensões da vida humana, que propicie o aprender a conhecer, aprender a ser e aprender a conviver, colaborando na construção da sociedade mais humana e, assim, mais justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Carta da Terra: uma leitura de vida. Disponível em: <<http://www.escolacidada.com.br>>. Acesso em: 2006

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MORAIS, Regis de. **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas, SP: Papirus, 1986.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** Tradução de Edgar de Assis Carvalho (org.). São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PACHECO, Cláudia R. C.. **“Caminhando sobre o fio da navalha”:** um estudo sobre a antípoda violência X não-violência e seus entrelaçamentos com os conceitos de autoritarismo, autoridade e liberdade a partir de falas docentes. Santa Maria: UFSM, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), PPGE/CE, Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

RODRIGUES, Luiz Dias. **Educação Popular – temas convergentes.** João Pessoa: Ed: Universitária, 1999.

